Revista Lusófona de Estudos Culturais / Lusophone Journal of Cultural Studies, Vol. 12, N.º 2, 2025, e025013
https://doi.org/10.21814/rlec.6536

"Uma Comunidade sem Educação é uma Comunidade Invisibilizada": Entrevista com Dago Nível Intelecto

Tom Stennett
Department of Spanish and Portuguese, Exeter University, Exeter, Reino Unido

Francisco Mapanda (1989–), mais conhecido por Dago Nível Intelecto, é um estudante, ativista social e intelectual orgânico[1], no sentido gramsciano (1971), de Luanda, Angola, onde nasceu e cresceu. Inspirado pela Primavera Árabe (2010–2012) que acompanhou de longe, ele e outros jovens ativistas começaram a contestar o regime do presidente José Eduardo dos Santos (1979–2017). Foi nessa primeira fase do seu ativismo (2010–2020), que Dago alcançou audiência devido aos textos críticos ao governo que publicou na sua página de Facebook. O seu ativismo, contudo, valeu-lhe uma pena sumária de oito meses em 2015, por causa da sua intervenção no âmbito da prisão do grupo ativista de leitura 15 mais 2. A prisão de Dago e de outros ativistas sociais chamou a atenção internacional (https://www.frontlinedefenders.org/en/case/case-history-angola-15; https://www.dw.com/en/meet-dago-nivel-an-angolan-who-took-on-the-system/video-60060627; https://www.amnesty.org/en/documents/afr12/5205/2016/es/).

Saído da prisão, envolveu-se em vários movimentos sociais, como o Movimento contra o Desemprego e a Associação Mudar Viana (https://www.facebook.com/mudarviana). Em 2020, em plena pandemia, fundou com Arante Kivuvu (1993–) o projeto comunitário *Biblioteca 10padronizada*, um espaço localizado em um dos bairros periféricos de Luanda, na paragem de autocarros de Robaldina. Fotografias postadas na página de Facebook da *10padronizada* (https://www.facebook.com/10padronizada) demonstram a transformação impressionante do espaço, antes uma lamacenta passagem estreita, que agora conta com um acervo de 4.300 livros — quase todos doações — albergados num contentor de transporte, um palco, bancos, cadeiras e um baloiço para as crianças, tudo isso adornado por belas obras de arte e plantas. Aquando de uma visita minha, em 2024, Dago contrastou a *10padronizada* com a escola pública que fica ao lado. Antes das aulas e depois, e na hora do almoço, os alunos vão à *10Padronizada* para aproveitar os livros e o baloiço que fazem falta na escola. Dago explica que a sua equipa recebe, em média, setenta pessoas por dia, nessa "ilha" de relativa tranquilidade entre uma linha ferroviária e uma das principais artérias da capital.

Dago frisa que a *10padronizada* não é apenas uma biblioteca: oferecem-se aulas de xadrez e de alfabetização, montam-se peças teatrais e organizam-se eventos literários e culturais. O projeto já inspirou várias réplicas dentro e fora de Luanda. A equipa já recebeu muitos visitantes, inclusive deputados nacionais e estrangeiros, empresários,

[1] O intelectual orgânico é um conceito teorizado pelo marxista italiano Antonio Gramsci (1891–1937). Refere-se a um indivíduo que, oriundo de uma classe social que geralmente não produz intelectuais tradicionais, desempenha o papel de um intelectual sem se distanciar de sua classe de origem, articulando, antes, os desejos e interesses dessa sua classe de origem (Gramsci, 1971/1992).

artistas e académicos. Ganhou até um diploma de mérito, concedido pelo governo provincial de Luanda em 2023. De acordo com Dago, a *1opadronizada* é um ato de comunidade, cultura, educação e resistência. É um projeto que, Dago explica, "tem quebrado o paradigma social, cultural, político e educacional em Luanda" (Dago Nível Intelecto, entrevista pessoal, 14 de maio, 2025).

A equipa é pequena. Nas duas visitas que fiz à biblioteca, em junho de 2024, conheci os coordenadores Dago (coordenador geral e gestor cultural), Arante (gestor financeiro) e Nena Coimbra (secretária executiva e responsável pelo marketing). A questão do papel social e político da literatura em Angola foi debatida com o historiador e amigo da casa, Lígio Katukuluka[2], em um dos "eventos relâmpago", organizados de forma espontânea na biblioteca. Apesar das difíceis condições materiais e políticas em que o projeto se insere, Dago e os seus camaradas têm "resistido" (palavra dele) a todos os obstáculos, sem um financiamento constante e dependendo de doações de livros e da boa vontade da equipa dele e da comunidade. Conversando ainda antes do início da entrevista, Dago diz que já estão habituados aos problemas: "cair e levantar, cair e levantar, ficou quase a nossa mantra" (Dago Nível Intelecto, entrevista pessoal, 14 de maio de 2025).

Na entrevista que se segue, feita *online* no dia 14 de maio de 2025, Dago fala sobre o quadro educacional e cultural em Luanda, as desigualdades sociais, as suas referências culturais e políticas (entre elas, Antonio Gramsci, Paulo Freire, Jonas Savimbi, Frantz Fanon, Amílcar Cabral, Mário Pinto de Andrade e Viriato da Cruz), os desafios enfrentados pela *1opadronizada* e sobre a relação entre cultura, educação, comunidade e resistência. É uma perspetiva assumidamente socialista e periférica que nos traz reflexões enraizadas numa práxis política, social e cultural com resultados comprovados. Na edição da entrevista, optámos por manter o estilo coloquial da conversa.

Tom Stennett (TS): Dago, podes falar sobre as origens da *Biblioteca 1opadronizada* durante a pandemia?

Dago Nível Intelecto (DNI): A cena do coronavírus afunilava-nos a todos os níveis: psicológico, fisiológico e tudo o resto. A vida das pessoas estava cada vez mais apertada e como ninguém podia sair, a escassez de alimentos, de dinheiro para se manter, tudo isso começou a assolar a vida das pessoas, e nós incluídos. Foi quando eu e o Arante decidimos passar a vender whisky e cigarros debaixo daquela mesma passagem pedonal. Em meio à pandemia, foi uma espécie de rebeldia contra as leis e as normas que foram estabelecidas naquela fase, que ninguém poderia estar na rua, que ninguém poderia circular muito. Mas nós, como tínhamos fome e estávamos a ficar malucos de tanto ficar em casa, nós decidimos não. Independentemente do que viesse a acontecer connosco, nós íamos tentar fazer alguma coisa. Como nós temos o hábito de leitura, isso vindo dessa caminhada toda do ativismo, fomos acumulando livros, nós trazíamos sempre um ou outro livro debaixo da pedonal para lermos. E isso chamava a atenção dos outros

[2] Lígio Katukuluka (1997–) fez a graduação na especialidade de Ensino de História pelo Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda. Suas áreas de interesses são a pesquisa no campo da história intelectual, resistência anti-colonial e os dilemas invisíveis da construção da identidade angolana de finais do século XIX e início do século XX.

utentes da pedonal, os que vinham para comprar cigarros, whisky. Os que esperavam táxi, os que fugiam do sol, se mostravam interessados no nosso livro. E foi desse interesse das outras pessoas que nasceu a ideia de nós partilharmos os nossos livros.

Foi daí que nós decidimos partilhar os nossos privilégios com as pessoas. Porque sim, na comunidade onde nós vivemos, ter livros em casa é um privilégio. E ter mais de 50 livros, como nós tínhamos em casa, era um privilégio muito grande. Nós, dentro do ativismo, sempre pensamos em ter bibliotecas de rua. Em vez de estarmos aqui a dar uma de guru, a explicar às pessoas o que estamos a ler, porque é que não entregamos os livros, para que elas gratuitamente, livremente, possam ler e tirar as suas próprias conclusões? Foi a partir dessa ideia, dessa decisão de partilharmos os nossos privilégios, que nasceu a *Biblioteca 10padronizada*, num contexto de pandemia. Numa realidade em que são inexistentes espaços de acesso à arte, à cultura e, sobretudo, à literatura de forma exclusiva. Não há bibliotecas escolares e as sedes municipais também não têm biblioteca. E então foi juntar a luva à mão. Partilhar os nossos privilégios e agregar um valor na relação já existente entre as pessoas. Eu, nas manias de sociologia, na relação social existente entre as estruturas metálicas, as pedonais em Luanda e as pessoas, pensei de forma específica, naquela pedonal. Se as pessoas param aí para fugir do sol, param aí para esperar táxis, param aí para fumar um cigarro ou beber alguma coisa, param aí para conversar, elas têm uma relação com aquele espaço, com aquela estrutura. Nós decidimos melhorar a relação existente entre as pessoas e a pedonal com o agregar de valores, que são os livros (Figura 1).

Figura 1. *A 10padronizada em 2024*

Créditos. Dago Nível Intelecto

TS: Podes falar um pouco sobre a organização da biblioteca? Quem são os funcionários? Qual é o perfil dos usuários?

DNI: Bem, a nossa biblioteca está formada por três responsáveis administrativos principais. Eu sou coordenador geral e gestor cultural. O Arante Kivuvu atualmente desempenha a função de gestor financeiro. Aliás, o Arante Kivuvu é um dos mentores, fundadores da *Biblioteca 10padronizada*. Tem a Nena Coimbra, que é secretária executiva

e responsável pela área de marketing, de comunicação e imagem, e gestão das redes sociais. E depois temos alguns voluntários, que são o nosso rececionista, Bernardo Berna Dji, o responsável pela limpeza e manutenção do espaço, Xicamaru, e o bibliotecário, Paulo Evangelista. Esses três são voluntários que temos mantido com muita dificuldade, porque as pessoas têm necessidade de serem supridas, mesmo com voluntariado, e isso tem sido difícil. Mas ainda assim, a vontade e a compreensão que eles têm da importância do espaço... eles se mantêm connosco até hoje, mesmo com as dificuldades que temos tido a nível de financiamentos e projetos.

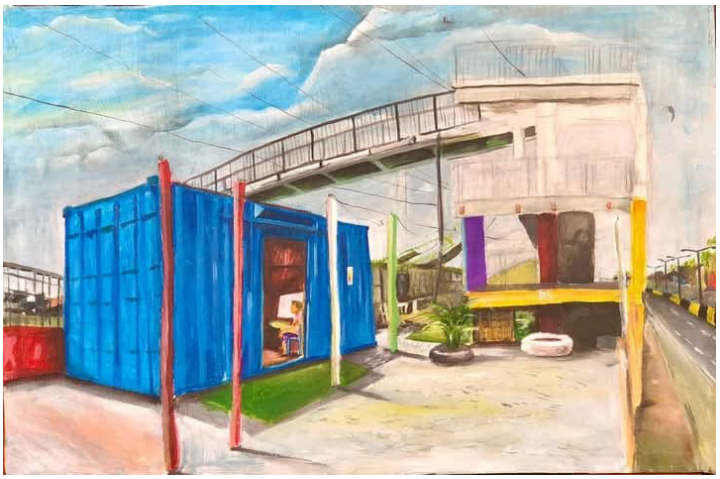

Figura 2. *Quadro da autoria dos meninos e meninas inscritos nas aulas de artes plásticas no projeto Arte Salva, financiado pelo banco BIC SA com orientação e fiscalização do professor e artista plástico Ely Inglês, mais conhecido por Bwe*

Créditos. Dago Nível Intelecto

O nosso público-alvo é muito diverso, porque nós, a par de sermos apenas uma biblioteca, somos um espaço artístico e cultural. Nós também realizamos eventos, debates, *shows*, formação e *workshops*. Trabalhamos com arte e cultura afincadamente (Figura 2).

Nós temos, em média, 70 pessoas por dia que passam na nossa biblioteca. Sobretudo, jovens, adolescentes e crianças. As crianças passam em determinados períodos do dia, porque nós temos duas escolas públicas ao redor e vários colégios privados. A biblioteca e suas atividades servem como preenchimento do vácuo da educação pública na nossa comunidade. Esses meninos, de manhã, antes de irem para a escola, passam pela biblioteca, fazem uma leitura rápida e vão para a escola. Ao intervalo vêm à biblioteca, voltam para a escola e ao sair também passam pela biblioteca. O público mais adulto, mais adolescente, é um público que está connosco o dia todo. Também temos adultos, da faixa etária idosa, que frequentam o espaço de vez em vez. Esse público que eu citei, é todo da nossa comunidade: a Robaldina, e adjacente, por exemplo, Estalagem, a Vila de Viana, o Cazenga. Nós temos público vindo diariamente desses espaços geográficos, para leitura diária.

Para atividades artísticas e culturais temos um público que acompanha as nossas atividades nas redes sociais. Vêm do Quilama, do centro da cidade, vêm até de outras províncias para assistirem aos nossos eventos. Então, nós temos um público muito variado.

TS: Como é financiada a *1opadronizada*?

DNI: De 2020 até 2024, nós sempre trabalhamos com vontade própria e com verbas próprias. Aliás, nós também somos respeitados aqui, porque nós fizemos acontecer sem nenhum financiamento até 2024. No início, várias pessoas doaram alguma coisa, algumas instituições também, e assim revitalizamos a biblioteca. Depois da revitalização da biblioteca nós nos mantivemos assim durante dois, três anos, sem nenhum financiamento. Claro que sempre tivemos um apoio aqui ou ali, de instituições culturais, como a Goethe-Institut em Angola[3] para atividades pontuais. Mas nunca tivemos um financiamento anual para toda uma série de atividades ou planos a desenvolver na biblioteca. Mas, independentemente disso, continuamos aí a fazer as coisas acontecer e isso parece ter sido um dos motivos que fazem com que as pessoas se solidarizem e nos apoiem de forma direta ou indireta.

Por exemplo, para fazer uma atividade, o vizinho empresta uma coluna, a vizinha empresta um microfone. E assim fazemos atividade gratuita para a comunidade. E isso foi graças à simpatia e respeito das pessoas. Então, a nossa maior dificuldade tem sido ter financiamento para mantermos os nossos planos, as nossas atividades, manter satisfeitos os nossos próprios voluntários, e até mantermos um equilíbrio para a equipa administrativa.

Como nós somos um espaço que nasce na comunidade e para a comunidade, durante muito tempo também nós enfrentámos muita burocracia documental. E é por isso que temos andado a desenvolver a ideia de nos mantermos autónomos, cada vez mais. Estamos a pensar em criar fundos comunitários que, no seu tempo, iremos divulgar.

No ano passado, recebemos algum financiamento e nós trabalhamos, desenvolvemos o projeto *Arte Salva*, que consistia em aulas de alfabetização, xadrez e artes plásticas para os meninos e meninas da nossa comunidade. Fizemos isso durante o ano com financiamento que pagava os custos administrativos e outros custos do projeto.

TS: Em uma conversa que tivemos no ano passado, em Luanda, referiste uma onda de instituições culturais e bibliotecas de cunho comunitário que surgiram no contexto de pandemia. Podes falar um pouco sobre esse fenómeno?

DNI: É honra dizer que a *Biblioteca 1opadronizada* não é só uma biblioteca. Quando ela surge, ela se torna um marco da participação juvenil e da participação comunitária, e cria uma espécie de movimento literário. A *Biblioteca 1opadronizada* é o primeiro espaço público de leitura que é público de fato. A partir dali, todas as outras pessoas que tinham ideias e projetos em mente que não podiam fazer, que estavam estagnadas por causa mesmo desses alicates[4] da participação juvenil, a nível de todas as esferas, começaram a tomar consciência

[3] O Goethe-Institut Angola foi inaugurado no dia 15 de junho de 2009. O instituto está envolvido em várias atividades culturais, sobretudo em Luanda (https://www.goethe.de/ins/ao/pt/index.html).

[4] Dago Nível Intelecto explica que "alicate" pode ser entendido como um instrumento de contenção, controle ou bloqueio da ação e expressão dos jovens. A metáfora do alicate remete a algo que prende, aperta ou limita movimentos, e aplicada à participação juvenil, pode representar: cooptação, silenciamento, obstáculos, violência ou burocracia sufocante (Dago Nível Intelecto, entrevista pessoal, 14 de maio de 2025).

do tipo: se a *Biblioteca 10padronizada* está ali a despontar, por que eu não posso abrir algo aqui nesse largo abandonado, que em vez de servir para a comunidade, tem servido para outras coisas menos boas? Por que não fazermos isso? Então a partir da *Biblioteca 10padronizada* começaram a surgir réplicas e um movimento ligado a isso, sobretudo nas periferias. Por exemplo: a Biblioteca Contr'Ignorância (https://www.facebook.com/p/Biblioteca-ContrIgnor%C3%A2ncia-100064307341230) no município do Rangel, que é uma biblioteca que hoje trabalha sobretudo com crianças. Surgiu a Biblioteca da Kassemba Terra Preta (https://www.facebook.com/Kassembaterrapreta41), que já é um espaço que existia, mas só como centro cultural, mas não existia com aquela dinâmica de biblioteca. No Namibe surgiu Mbanjedo Livro (https://www.facebook.com/Mbanjedolivro/). No Kwanza Sul surgiu a Biblioteca Njila (https://www.facebook.com/people/Associa%C3%A7%C3%A3o-Njila/100081592748384). Na Ilha de Luanda surgiu a Biblioteca de Rua (https://www.facebook.com/p/Biblioteca-de-Rua-na-Ilha-de-Luanda-100064795179120/?locale=pt_BR).

O ponto crucial aqui é que todos esses espaços surgem com o intuito de preencher um vazio. Todos esses espaços eram lugares sem bibliotecas, sem espaços culturais, sem espaços desportivos, e sem nada, porque é isso, a periferia é a principal vítima da não política pública. Então as vítimas da não política pública se ativam, porque a nossa iniciativa viralizou. As pessoas nos colocam a questão do tipo, ah, por que vocês não abrem outros espaços? Não, nós não precisamos abrir outros espaços quando as pessoas podem olhar para o nosso exemplo e criarem elas mesmas, nas suas comunidades, espaços que se adequem àquilo que são as suas limitações.

Então, com a *Biblioteca 10padronizada*, nasce um movimento literário. Muitos jovens começam a escrever, muitos jovens começam a cantar, muitos jovens começam a declamar. Muitos espaços criados por esses mesmos jovens para declamar, para escrever, para discutir, para debater, começam a surgir, sobretudo na periferia. E traz aqui um novo paradigma também, porque surgem alternativas àquilo que era a hegemonia da ação cultural da cidade. Antes, tudo acontecia na cidade, tudo era para a cidade, quando queriam ouvir boa música, ou ver um espetáculo de teatro. Mas com esses espaços nascendo em vários lugares periféricos, incluindo a *Biblioteca 10padronizada*, agora nós vemos pessoas da cidade, de vários pontos do país, que saem desses lugares para os lugares que foram surgindo na periferia. Basicamente, essa dinâmica e a vontade de fazer alguma coisa pelas nossas comunidades, deram asas às nossas imaginações, à nossa criatividade. E, sim, nós vamos marcando os nossos espaços e vamos nos tornando visíveis, mesmo depois de toda a política pública de invisibilidade.

TS: Aquando da minha visita em Luanda, em 2024, referiste que a tua equipa já enfrentou alguns desafios operacionais ligados ao saneamento e outros problemas. Tenho acompanhado também os problemas que têm tido ultimamente com as obras da companhia ferroviária, que resultaram no encerramento da biblioteca em dois momentos. Podes falar sobre como a comunidade tem enfrentado esses desafios?

DNI: É isso, e as pessoas que dependem muito do nosso trabalho vão ficando condicionadas. Essas pessoas dependem da nossa resistência a todos os obstáculos

que nos surgem, a todos os níveis políticos, estruturais e sociais e não só. É isso, acho que é o que nos mantém firmes e nos dá credibilidade também, respeito por parte das outras pessoas.

TS: Esses transtornos devem ser muito frustrantes.

DNI: Isso nos causa um constrangimento tanto a nível psicológico e emocional como também a nível do nosso público, dos nossos utentes. De um dia para o outro, quando a biblioteca está estragada, há uma espécie de incerteza, se vamos manter o espaço, se há vontade política de que esse espaço cresça ou há uma vontade política a combater, porque não se concebe a ideia de um espaço público, como o nosso, ser invadido dessa forma sem conversa prévia, sem aviso, sem comunicação institucional formal. Depois deles chegarem, o terreno estava mexido por causa das máquinas.

Mas isso, como eu disse, seria um não problema se esses espaços todos respeitados. Sim, sim, chegaram e contrataram, não sei se é o governo provincial, Caminhos de Ferro, que contrataram uma empresa de construção portuguesa que tem filiais em vários países, incluindo Angola, e eles estão responsáveis por essa obra. Então aqui também fica a discussão de quem seria o responsável de nos notificar, de nos comunicar que haveria obras no dia X para dia X para que nós pudéssemos nos prevenir e acautelarmos uma ou outra questão.

Se é o governo provincial, se é o Caminhos de Ferro ou a Afavias[5]. Com o responsável da Afavias, o engenheiro-chefe, temos mantido contato presencial, às vezes. Então tem sido a eles a quem temos imputado qualquer responsabilidade do que tenha acontecido aí. Tanto é que a primeira vez que eles estragaram, destruíram um muro para colocar outro, eles tiveram que estragar a biblioteca. Nós cobramos as britas, mas isso foi por força da pressão que fizemos de marcar a página, tanto do Caminhos de Ferro, como Afavias, o governo provincial, no Instagram e no Facebook. E eles sentiram que tinham que ressarcir as coisas que danificaram ao longo das obras. Então tem sido essa a comunicação com Afavias e o engenheiro promete que depois das obras vai voltar tudo ao normal. E assim esperamos, porque os estragos dessa vez são maiores, porque tiveram que estragar as nossas cercas e retirar as cercas que já estavam.

TS: A resistência da comunidade está a ter alguns resultados positivos.

DNI: Sim. Da primeira vez queriam diminuir a dimensão da biblioteca. Ou seja, iriam reduzir o espaço da biblioteca num pequeno beco debaixo da pedonal. Isso nos fez publicar toda essa arbitrariedade e a pressão que houve tanto no Facebook como no Instagram, acabou fazendo com que eles, no mesmo dia, recuassem. Taparam as escavações iniciais e voltaram a fazer outras escavações no limite onde estava o muro antigo.

TS: E qual é a tua análise da situação?

[5] A Afavias é uma empresa portuguesa de engenharia e construções. Angola constitui o seu principal mercado africano.

DNI: Primeiro é que há uma falta de respeito para com o nosso trabalho e o nosso espaço, que tem uma utilidade pública que é vital para a comunidade. E, por outro lado, nós achamos também que há alguma interferência política. O governo sabe que nós somos um espaço com utilidade pública, apesar de não sermos um espaço público propriamente dito, mas nós somos um espaço comunitário com utilidade pública que abrange mais do que a nossa comunidade (Figura 3).

É um espaço comprovado, isso ninguém nos pode retirar. Tanto é que nós temos o diploma de mérito do governo provincial de Luanda, que nos foi entregue pelo governo provincial numa cerimónia oficial, televisionada.

Para nós é meio que falta de vontade política [essas ações] de nos causar problemas, aquilo que faz com que haja essa política, porque a política também é na base do respeito entre as instituições.

TS: Pegando noutro assunto, quais são as tuas referências políticas e culturais?

DNI: Ontem [dia 13 de maio, dia do falecimento de José Mujica] lembrei que sempre fui muito fã do Pepe Mujica[6]. Como criança admirava o Pepe Mujica pela humildade dele. Também, Jonas Malheiro Savimbi[7], por causa da rebeldia e apesar das críticas que outros e eu mesmo faço a ele. Considero-me uma pessoa muito rebelde. Essa coisa de ele ser o protagonista do outro lado, porque nós tínhamos uma versão oficial, mas nós não tínhamos a versão do outro lado. É como o diabo. Tipo, nós ouvimos tudo sobre Deus, da Bíblia, sabemos que é Deus falando, mas nós não ouvimos o diabo, nós não temos a certeza em que problema o diabo se meteu.

Figura 3. *Acervo da 1opadronizada*

Créditos. Dago Nível Intelecto

[6] José Mujica (1935–2025) foi presidente do Uruguai entre 2010 e 2015.

[7] Jonas Malheiro Savimbi (1934–2002) foi político e comandante militar angolano. Foi líder do movimento nacionalista União Nacional para a Independência Total de Angola, que fundou em 1966. No pós-independência, lutou contra os governos de Agostinho Neto (1975–1979) e José Eduardo dos Santos (1979–2017) no âmbito da guerra "civil" — rótulo contestado por causa da participação significativa de atores regionais e internacionais, nomeadamente os Estados Unidos, a África do Sul, Cuba e a União Soviética — que durou até o assassínio de Savimbi, em 2002.

Outra figura que também a mim chamou muita atenção foi o Mfulupinga Nlando Victor[8], um intelectual e deputado angolano que, ouvi falar, era o maior matemático de Angola. As suas intervenções no parlamento eram únicas. Eu sempre admirei políticos com identidade, com alguma coisa dele próprio. Outra figura que a mim também durante muito tempo fascinou, não sei se isso é politicamente correto, mas eu tenho de dizer, outra figura que em mim também deixou muita marca foi Cheikh Anta Diop[9], porque desconstruiu mitos sobre o homem negro.

Ao nível cultural eu sempre admirei artistas como o Teta Lando[10], que é uma das figuras que também marcou a minha infância e digo mesmo que me trouxe uma potencialização por causa das músicas dele. Por exemplo, uma das músicas que eu amo é o "Assobio Meu", uma música de Teta Lando que basicamente fala das amarguras da vida. O "Assobio Meu" era tipo um bálsamo para a alma ferida, para toda a dor vinda da guerra e daquele contexto em que nós vivíamos.

Também gostava muito de David Zé[11], que foi um ativista, um músico ativista ligado ao Movimento de Libertação de Angola (MPLA)[12], porque ele também usava a música como forma de instrumento de batalha.

Uma das maiores referências, se não a maior a nível da literatura nacional, é o Uanhenga Xitu[13], que muito marcou a minha infância. Mesmo dentro do MPLA, as suas intervenções, a sua postura política, moral, sempre foram referência para mim. Outra figura política é o Raul Danda[14].

TS: Pensando no teu nome, Dago Nível Intelecto, pergunto-me se és fã do marxista italiano Antonio Gramsci.

DNI: [Risos] Sim, sim! Gosto muito de Gramsci.

TS: E o que te chama a atenção nos textos de Gramsci?

DNI: Como ele aborda o papel da cultura. Porque o Gramsci é muito instigador. Nos traz a visão de que a cultura é mais do que um elemento isolado. Ela é um instrumento

[8] Mfulupinga Nlando Victor (1944–2004) foi deputado angolano e fundador do Partido Democrático para o Progresso – Aliança Nacional Angolana. Foi assassinado em 2004 por atores desconhecidos.

[9] Cheikh Anta Diop (1923–1986) foi antropólogo senegalês e político conhecido por as suas teorias sobre as origens da humanidade e como um antecedente da afrocentricidade.

[10] Teta Lando (1948–2008) foi um músico angolano.

[11] David Zé (1944–1977) foi um músico angolano ligado ao MPLA. Foi morto no âmbito da purga que se sucedeu em 27 de maio. Não existe relato publicado da sua morte (Moorman, 2008, p. 174).

[12] O MPLA é um partido politico que governa Angola desde a independência do país, em 1975. Antes da independência, atuou como movimento nacionalista armado na luta contra o colonialismo português. Em 1977, transformou-se, no âmbito do seu Primeiro Congresso, em partido marxista-leninista.

[13] Agostinho André Mendes de Carvalho (1924–2014), mais conhecido pelo pseudónimo literário Uanhenga Xitu, foi um político e escritor angolano. As suas obras mais notáveis são *Mestre Tamoda* (1974) e *O Ministro* (1989).

[14] Raul Danda (1957–2021) foi um político angolano e dirigente da União Total para a Independência Total de Angola.

de luta, é um elemento de consciencialismo, consciencialização até. Também tem essa coisa, a ligação dele com os ideais das massas. Mesmo sendo intelectual, a visão dele do mundo não deixou de frisar as desigualdades estruturais.

TS: Pergunto-me também se és um admirador do Paulo Freire[15].

DNI: [Risos] Sim, sim, sim, sim! Olha, sou jovem com um entendimento político socialista. Isso fica bem patente. O Paulo Freire, lembrando que eu gosto dos rebeldes, aqueles que quebram paradigmas, veio com o conceito da educação libertadora. Não tem como eu não ser admirador do Paulo Freire. Não tem como, não tem como mesmo. Uma pessoa que revolucionou a educação como ele fez. É um dos intelectuais que mais admiro a nível mundial.

TS: Podes dar-nos a tua perspetiva sobre a relação entre educação e comunidade?

DNI: Precisamos primeiro definir o que é educação. Porque existe a ideia de que educação é a escola. Mas, no nosso entendimento, a educação é muito mais do que isso. Ela é também todo o saber que se pode absorver na relação da pessoa com o mundo.

A experiência de vida forma parte do saber, do conhecimento, da educação, da moral e da ética da pessoa, incluindo a cultura e tudo o resto. Então, há uma relação muito estreita entre educação, entendida de forma alargada, e comunidade. Porque, com a comunidade, quando esses elementos não estão contemplados, incluindo a estrutura educacional e de ensino, nós criamos um fosso muito grande na forma das pessoas se entenderem como pessoas, primeiramente, e depois entenderem o mundo. Porque uma pessoa não educada, uma pessoa a quem não são passados os *inputs* necessários para observar o mundo para além do óbvio, essa pessoa está limitada em todas as esferas. Então, a educação é, sobretudo, importante nas comunidades, porque ela eleva e empodera a participação cidadã. Porque um cidadão que tem na sua comunidade um espaço artístico, cultural, tem muitas chances de descobrir nele elementos criativos ou artísticos, e talento. Um cidadão que tem um sistema de ensino, uma escola de qualidade na sua comunidade, tem a possibilidade de alargar o seu ponto de vista crítico e, com isso, melhorar o mundo à sua volta. A educação é a base que permite que as pessoas ultrapassem as desigualdades e lutem por justiça, sobretudo nas comunidades periféricas. Porque ninguém luta se não tiver as bases, os instrumentos principais para que ele entenda que existe desigualdade, existe injustiça, existe discriminação, desrespeito e coisas assim.

Resumindo: a educação é a base para o empoderamento comunitário, é a base para ascensão e até visibilidade. Porque uma comunidade sem educação é uma comunidade invisibilizada.

TS: Uma palavra que já mencionaste várias vezes é resistência. Educação é uma forma de resistir? E, se for resistência, resistência a quê?

[15] Paulo Freire (1921–1997) foi pedagogo e filósofo, recohecido por suas propostas da "pedagogia crítica" e da "pedagogia do oprimido". É autor de diversas obras, inclusive *Pedagogia do Oprimido* (1968).

DNI: Sim, para mim é. Estou a falar do ponto de vista de uma pessoa que vive na periferia e que entende que vive na periferia. É a partir desse ponto que produzo o conhecimento e partilho. No nosso entendimento, a educação é resistência contra as amarguras que são criadas por causa das injustiças e desigualdades sociais. Então, a pessoa educada entende que precisa resistir também. E a educação também é resistência na periferia porque ela marca a visibilidade, marca a nossa existência. Por que eu falo disso? Porque a partir do momento em que a pessoa é instruída, é educada, a partir desse momento em que ela tem acesso à educação, ela é uma pessoa que questiona o poder autoritário. Ela é uma pessoa que questiona a desigualdade e, mais do que questionar, também propõe. E propõe, sobretudo, aquilo que está em falta na sua comunidade, na sua realidade. Então, a educação é resistir também contra aquilo que não temos.

TS: Achas que a cultura pode desempenhar a mesma função de crítica e resistência?

DNI: Sim, claramente, porque a cultura é produzida, é material desenvolvido por uma civilização. Aqui citando o professor Isaac Paxe[16]. Se ela é produção civilizacional, ela é um instrumento que nós temos em mãos e um instrumento que nos pode ajudar a resistir, face, por exemplo, à alienação e à ocidentalização [das culturas angolanas].

A cultura é um dos maiores instrumentos de luta e de resistência que nós podemos ter. Principalmente quando todos os outros escudos que nos ajudam a resistir a todas essas assimetrias vão se perdendo. Então, é o último reduto de defesa, é o último reduto de resistência (Figura 4).

Porque depois de nos tirarem a cultura, depois da educação e nos tirarem a cultura, nós não somos nada. Quem nós somos se não temos cultura? O que é o povo, o que são as pessoas sem a cultura? E lembrando que a cultura, como diz Isaac Paxe, é a produção, é o acervo material e imaterial. Esses elementos — educação, comunidade, cultura e resistência — acabam sendo elementos-chave para a nossa existência, para a nossa visibilidade.

Figura 4. *Evento na 10Padronizada*

Créditos. Dago Nível Intelecto

[16] Isaac Paxe (1972–) é educador e intelectual angolano. É pesquisador no Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda.

TS: Frantz Fanon e Amílcar Cabral são dois nomes que surgiram na minha cabeça enquanto falavas sobre a relação entre a cultura e o povo.

DNI: [Risos] Ya, isso. Foram intelectuais orgânicos, que tinham uma clara noção da importância da relação entre a educação, a cultura e o povo. O Amílcar Cabral[17], já sabemos o que questionou, o que fez e como acabou por causa disso. Fanon[18] e Cabral são intelectuais e figuras políticas que eu tenho também como referência. Principalmente Fanon, é alguém que trouxe outras visões sobre o homem negro em *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952).

TS: Como é que vês agora figuras emblemáticas da luta anticolonial da mesma geração de Cabral, inclusive pessoas do MPLA, tendo em conta o rumo do país e do MPLA no pós-independência?

DNI: Estou a ler *Combater Duas Vezes: Mulheres na Luta Armada em Angola*, de Margarida Paredes[19] (2015), que fala sobre a participação das mulheres na luta armada, e nesse livro a autora faz referências a alguns membros dessa vanguarda, como Matias Miguéis[20] e Viriato da Cruz[21]. Eu acho que o MPLA tinha políticos como Viriato da Cruz e Mário Pinto de Andrade[22] , cujas inspirações foram traídas pelos seus camaradas depois de tomarem o poder. Vemos isso no livro *Quem me Dera ser Onda*, de Manuel Rui[23] (1982), e a sua crítica sobre a forma como as independências apressaram os políticos que combatiam o colono a se apropriarem da forma de estar, de viver e de ser do próprio colono combatido. Matias Miguéis, Viriato da Cruz e Mário Pinto de Andrade entendiam que o MPLA começava a trair a sua própria causa, que começava a ser desvirtuado, quando começávamos a ter interferências mais a nível de forças imperialistas.

---

[17] Amílcar Cabral (1924–1973) foi um político, agrónomo e líder nacionalista da Guiné-Bissau e de Cabo Verde. Foi fundador do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) em 1956 e dirigiu a luta armada na Guiné-Bissau, iniciada em 1963, que resultaria no reconhecimento internacional do PAIGC como único representante legítimo do povo guineense em 1972. Foi assassinado em Conacri, em 1973.

[18] Frantz Fanon foi um psiquiatra, revolucionário e teórico politico da Martinica. Apoiou a Front de Libération Nationale durante a guerra de libertação da Argélia. É autor de diversos textos e livros, os mais destacados sendo *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952) e *Os Condenados da Terra* (1961).

[19] Margarida Paredes (1953) é uma escritora e investigadora portuguesa que participou na luta pela libertação de Angola. Permaneceu em Angola após a independência, até 1981.

[20] Matias Miguéis (1927–1965) foi um político angolano. Foi eleito vice-presidente do MPLA em 1962, mas abandonou o movimento no contexto de querelas internas. Foi assassinado em 1965.

[21] Viriato da Cruz (1928–1973) foi um político e escritor angolano. Foi membro-fundador do MPLA e o seu primeiro secretário-geral, até 1962, quando se demitiu do cargo. Em 1963 foi expulso do movimento no âmbito de uma luta interna com o novo presidente, Agostinho Neto. Em 1966, foi para a China onde viveu até a sua morte.

[22] Mário Pinto de Andrade (1928–1990) foi político, teórico e escritor angolano. Foi membro-fundador do MPLA e o primeiro presidente do movimento. No contexto de lutas internas na sequência da chegada de Agostinho Neto, foi afastado do movimento. Em 1974 fez parte da Revolta Ativa contra a ala presidencial do MPLA. No pós-independência, viveu em exílio na Guiné-Bissau, Cabo Verde, Moçambique e França.

[23] Manuel Rui (1941–) é um escritor, jurista e político angolano. É autor de inúmeras obras literárias, inclusive, *Sim, camarada!* (1977).

Esses intelectuais da vanguarda tinham uma visão da educação libertadora, como diz Paulo Freire. Para um intelectual, a maior inspiração é ver a libertação mental das pessoas. Nós temos uma espécie de retrocesso, atualmente, que vem com o desligamento desses políticos da vanguarda, do MPLA. Mário Pinto de Andrade saiu, depois Viriato da Cruz foi para a China, e depois tivemos outras incidências, até chegarmos ao 27 de maio[24], mas isso tudo porque a teoria e a prática do MPLA e de muitas elites dentro do MPLA entravam em desacordo.

Por isso é que hoje essas figuras [Viriato da Cruz, Mário Pinto de Andrade e Matias Miguéis], mesmo sendo do MPLA, são figuras consensuais naquilo que é a visão das pessoas mais esclarecidas que entendem que — apesar de pertencerem ao MPLA — marcaram uma posição muito firme que lhes fez separar do bloco mais grosso da organização. Porque a Angola planejada por eles, pensada por eles, lutada por eles, começou a ruir já pelas bases, primeiro pela educação, a reprodução da educação que nos foi dada, porque passou tudo a ser uma nova forma de colonialismo. E pronto, hoje temos o país que temos, temos a educação que temos, temos a ideia de cultura que temos e temos toda uma gama de problemas. O poder vicia, o poder desvirtua as ideias iniciais, se não tivermos as bases nas massas, no povo, se não for o povo a ser o nosso objeto de luta, objeto de contestação, objeto de entrega.

TS: As tuas observações lembram-me do conceito do suicídio de classe, de Amílcar Cabral[25].

DNI: Sim, o suicídio da classe e o homicídio das outras classes. A própria elite começa a suicidar-se com todas as suas contradições e essas contradições acabam matando as massas, tudo nas bases.

TS: Qual é o papel dos jovens nos processos políticos e culturais em Angola?

DNI: Nós temos uma sociedade em que o jovem não fala quando está perante alguém mais velho, e isso são raízes com bases em algumas das várias culturas existentes em Angola. Onde tem o mais velho, o jovem tem que ficar calado. E esse comportamento foi transportado para a política também. Hoje há uma tendência da maior participação, mas na tradição de um tempo atrás nós sempre tivemos o jovem a ser invisibilizado, sonegado, cegado e excluído da participação política. Porque o entendimento que os mais velhos têm sobre o jovem é que os jovens não têm experiência de movimento político, de democratização, de cidadania e de justiça.

[24] O 27 de maio refere-se a uma alegada tentativa de golpe de estado dirigido por seguidores de Nito Alves e José Van-Duném, ambos líderes do MPLA. Na sequência do assassínio de um grupo de aliados de Agostinho Neto no bairro de Sambizanga, no dia 27 de maio de 1977, foram mortos um desconhecido número de alegados "fraccionistas" (apoiadores de Nito Alves). O 27 de maio permanece uma espécie de tabú na sociedade angolana.

[25] "O suicídio de classe" é um conceito voluntarista teorizado por Amílcar Cabral em duas intervenções nos meados dos anos 1960: uma análise da estrutura social da Guiné-Bissau (de 1964) e o seu discurso no Congresso Tricontinetal, em Havana, de 1966. De acordo com esta teoria, o êxito da revolução africana dependia da vontade da pequena burguesia africana — após ter desempenhado um papel dirigente nas lutas de libertação contra o colonialismo — "suicidar-se como classe"; transferir o protagonismo da revolução para o povo (Cabral, 1976/2013, pp. 121–123; pp. 253–255).

Muitos desses mais velhos estudaram fora e implementaram cá em Angola uma educação de péssima qualidade. Então, se temos um sistema educacional formal de péssima qualidade, nós temos pouca capacidade juvenil de participação política também.

Mas, a par disso, nós temos uma juventude muito engajada e muito participativa socialmente. Tanto é que eu considero que o jovem angolano é o jovem mais batalhador do mundo. Então, se nós temos uma força motriz, juventude, que é a força motriz funcional, também temos falhas naquilo que são as políticas públicas de inserção e de participação dos jovens.

Mas por que é [assim]? Porque a política também aqui, sobre jovens, mulheres e excluídos, é a política da representatividade parlamentar. Por isso é que nós temos em organizações jovens, pessoas de 45 anos, 50 anos, como presidente, como coordenador, como chefe. Enquanto uma vasta gama de jovens com vontade, com capacidade, habilidades, estão de fora só por serem jovens. Depois nós temos uma espécie de virada, sobretudo com as redes sociais. Nós temos, primeiramente, uma participação juvenil naquilo que é a opinião pública. Muitos jovens passaram a ter esse espaço como espaço de participação política também, porque eu entendo que as discussões nas redes sociais acabam sendo também uma forma de participação política, porque é a voz e a vez dele a ser visto [e ouvido]. E nesses últimos anos passamos a ter muitos jovens a criarem até partidos políticos. Mas a mim, aqui, surge mais uma preocupação, porque nós temos uma sociedade politizada, partidarizada, esse é o termo certo, uma sociedade partidarizada. Então, se tu és um jovem que queres participar na vida pública, de forma política ou não, tu tens que estar afiliado a um grémio, a uma associação, a um partido político. Se tu tens as intenções de, por exemplo, ser administrador da tua comunidade, tu tens que estar num partido político, no MPLA ou na União Nacional para a Independência Total de Angola, e depois vemos se chegas lá um dia. E quando chegas lá, já não és mais jovem. Então, nós também temos um sistema político, e até vou falar de leis, normas e regulamentos, políticas públicas, de forma resumida, que fecham até os espaços cívicos de participação cidadã. O jovem tem muita dificuldade até de se agregar. Até as associações que são criadas por jovens tendem a ser controladas pelos mais velhos. Tanto é que muitas das associações parecem não partidarizadas, mas tem sempre um cunho político por detrás. São sempre, como se diz aqui, parceiros do Estado, que é basicamente o MPLA. A participação é controlada pelo regime político. Se você não participa nos partidos políticos para chegar a algum lugar, para ter voz e participação política, também é impedida a participação efetiva e livre dentro de associações, organizações sociais não-governamentais criadas pelos próprios jovens.

Alguns jovens se apresentam como exemplo de participação juvenil, mas os outros jovens não conseguem ter acesso. É só olharmos para como é que se faz, qual é o requisito que se pede ao jovem quando vai procurar emprego. São, no mínimo, cinco anos de experiência. "Eu estou a sair agora da universidade e tu me pedes cinco anos de experiência no ramo em que eu me formei? Como assim, se eu esses cinco anos passei a estudar?". Nós nem temos políticas públicas de inserção dos jovens no mercado do trabalho, de participação cívica, [uma] política para os jovens. Nós temos um afunilamento, uma tentativa de tapar o sol com a peneira, de relegar o jovem para um canto, para

depois dizer-se coisas contra os jovens. [Dizem] "os jovens não gostam de trabalhar, os jovens angolanos não gostam de ler, os jovens angolanos não gostam de participar". E essas mesmas narrativas são repetidas quando se trata de mulheres e outros grupos marginalizados. E esse é um contraste bem grande.

Agradecimentos

Agradeço a disponibilidade e generosidade de Dago Nível Intelecto, e toda a equipa da *1opadronizada*, que me acolheu em junho de 2024. Agradeço o apoio financeiro da Leverhulme Trust, que financiou a viagem a Luanda onde conheci Dago Nível Intelecto. Agradeço igualmente as sugestões e comentários da equipa editorial e dos avaliadores anónimos.

Referências

Cabral, A. (2013). *Unidade e luta: A arma da teoria: Textos coordenados por Mário de Andrade* (Vol. I). Fundação Amílcar Cabral. (Trabalho original publicado em 1976)

Gramsci, A. (1992). *Selections from the prison notebooks* (Q. Hoare & G. N. Smith, Trads.). Lawrence and Wishart. (Trabalho original publicado em 1971)

Moorman, M. (2008). *Intonations: A social history of music and nation in Luanda, Angola, from 1945 to recent times*. Ohio University Press.

Nota Biográfica

Tom Stennett é investigador de pós-doutoramento na Universidade de Exeter (Reino Unido). O seu projeto, intitulado *Author-politicians in Angola and Mozambique*, analisa a interconexão entre a política partidária e literatura em Angola e em Moçambique durante as lutas de libertação nacional e os governos socialistas da pós-independência. É autor do livro *Dissident Authorship in Mozambique: The Case of António Quadros* (Oxford University Press, 2024).

ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9421-4592

Email: tomstennett2@gmail.com

Morada: Leverhulme Early Career Fellow, Department of Spanish and Portuguese – The Queen's Building – Exeter University, Exeter, EX4 4QH, United Kingdom

Submetido: 16/05/2025 | Aceite: 02/07/2025

Este trabalho encontra-se publicado com a Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0.